

A GAZETA

Caderno Dois

Vitória (ES), segunda-feira, 3 de março de 1997

Em busca dos áureos tempos

Tanto o Porto de São Mateus quanto o Palácio Anchieta estão em reforma desde a semana passada. Enquanto as obras dos nove casarões do século XVIII do porto vão consumir uma verba estimada em R\$ 753 mil, o palácio terá toda a parte externa e o túmulo de Anchieta revitalizados, o que envolverá recursos da ordem de R\$ 1 milhão.

Rose Frizzera

O Porto de São Mateus já presenciou os áureos ciclos da mandioca, do café e da madeira. Situado às margens do Rio Cricaré, o porto perdeu parte de sua importância econômica com a construção da BR-101. Passou para o plano social a partir das décadas de 20 e 30, quando, já marginalizado, abrigou luxuosos cabarés. De lá para cá sua importância passou a ser histórica. Dos 11 imóveis tombados pelo Conselho Estadual de Cultura, três já não estão de pé.

A Secretaria Estadual de Cultura e Esporte, em parceria com



Os casarões do Porto de São Mateus, às margens do Rio Cricaré, já estão em reforma e devem ficar prontos no final deste ano

Foto de Danilo Salvadeo

Foto de Helo Sant'Ana

WIZARD
IDIOMAS
Vila Velha
Praia do Canto

Palácio de cara nova

ortância passou a ser histórica. Dos 11 imóveis tombados pelo Conselho Estadual de Cultura, três já não estão de pé.

A Secretaria Estadual de Cultura e Esporte, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura Turismo e Esporte de São Mateus, deu o pontapé inicial para a revitalização. Um coquetel nas ruínas do porto, que contou com a presença da então secretária de Cultura e Esporte, Bernadette Lyra, e da presidente do Conselho Estadual de Cultura, Ivanilde Brunow, marcou o início das obras, na última quinta-feira. A entrega dos casarões revitalizados está prometida para o final deste ano.

Junto com outros dois sítios históricos – de Santa Leopoldina e São Pedro de Itabapoana –, o Porto de São Mateus é tombado pelo Conselho Estadual de Cultura desde o início da década de 70. Foi um marco na colonização da região, que começou por volta de 1544. Poucos sabem, mas São Mateus pertenceu por quase meio século a Bahia, recebendo influência da culinária, crenças e costumes. Passou a território espírito-santense em 1823. Testemunhas da história, os casarões estavam sendo habitados por pessoas que chegavam de outras regiões, como do Sul da Bahia.

As tentativas de revitalização do porto não são recentes. Depois da expulsão das prostitutas, por volta da década de 60, começa a fase de abandono. O primeiro processo de restauração foi em 1981, com o projeto de consolidação das ruínas. Isso significava a tentativa de manter os casarões sustentados até a sua restauração. É dessa época também o projeto de ocupação do lugar com espaços reservados para a Casa da Memória Popular, Museu do Negro e Museu do Folclore, além de hospedaria e restaurante.

Nessa época o porto ganha, ainda, um projeto de restauração do entorno da praça. Só em 1989 é que o extinto DEC retoma o processo de revitalização, sugerindo outro tipo de ocupação, mais voltado para a participação da comunidade. “Não adiantava ocupar simplesmente

Os casarões do Porto de São Mateus, às margens do Rio Cricaré, já estão em reforma e devem ficar prontos no final deste ano

Foto de Danilo Salvadeo



As ruínas do porto, que já abrigou luxuosos cabarés nas décadas de 20 e 30

Foto de Nestor Muller



O pontapé inicial para a revitalização do local foi dado na quinta-feira

te um lugar que estava distante do resto da cidade”, explica Viviane Pimentel, coordenadora de Memória e Patrimônio Cultural da Secretaria Estadual de Cultura e Esporte.

É que o porto fica na parte baixa da cidade, uma área totalmente isolada. A estratégia foi revitalizar o entorno, para onde foram transferidos a Escola de Primeiro Grau Mateus C. Coelho, a Câmara de Vereadores, a Biblioteca Municipal, o Arquivo Público Municipal, o Posto de Saúde e, ainda, a Secretaria de Cultura Turismo e Esporte, hoje uma grande

aliada na revitalização do porto.

As obras só puderam ser postas em prática agora, porque os casarões foram desapropriados pela Prefeitura local em outubro do ano passado. O atual projeto de sua utilização prevê espaço para a Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte, sede do Movimento da Consciência Negra, posto policial, duas lojas e sanitários. O maior imóvel deste sítio histórico ainda está com sua utilização em discussão. Pode abrigar um Centro Cultural ou uma Escola de Arte.

A verba para a revitalização vem de um convênio formado

entre o Governo do Estado e o Ministério da Cultura e está orçado em R\$ 735 mil. Caberá ao Ministério R\$ 510 mil, enquanto a contrapartida do Governo será de R\$ 225 mil. “Acredito que este valor dê para cobrir a recuperação dos imóveis, assim como a urbanização da praça do porto”, ressalta Viviane Pimentel.

A restauração será acompanhada por um arquiteta-restauradora, que deve considerar as diferentes necessidades. “Algumas casas estão apenas na fachada, e outras ainda contam com telhado”, observa Viviane. As obras vão começar pelos quatro imóveis mais importantes, que já contam com projeto, enquanto a Secretaria Estadual prepara os estudos preliminares do restante dos imóveis.

“Até o final do ano, pelo menos, as nove casas que ainda estão de pé e a urbanização da praça estarão prontas”, garante Viviane. O interesse é grande, já que a Prefeitura está empenhada em ajudar na recuperação do Porto de São Mateus e já tem, inclusive, projetos culturais e turísticos, como a instalação de museus e passeios pelo Rio Cricaré.

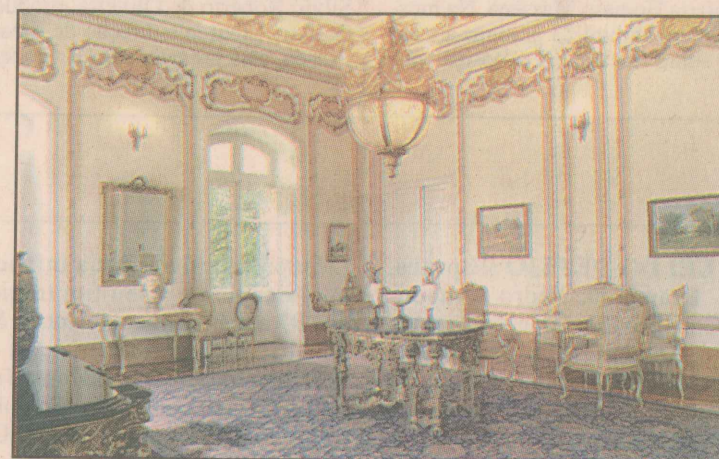
Palácio de cara nova

O Palácio Anchieta está plantado estrategicamente no centro histórico de Vitória, de frente para o Porto de Vitória. Uma referência incontestável para a população da cidade. Uma peculiaridade do Palácio Anchieta é ser uma das poucas construções coloniais no país que ainda abrigam ininterruptamente as atividades do Executivo.

O programa de revitalização prevê a completa recuperação externa do palácio, com reforma dos elementos artísticos que foram sendo descaracterizados com o tempo. A reforma, estimada em R\$ 1, milhão, inclui também a restauração museográfica do túmulo de Anchieta.

Segundo a coordenadora de Memória e Patrimônio Cultural e Natural da Secretaria Estadual de Cultura e Esporte, Viviane Pimentel, o projeto visa a esclarecer as informações históricas sobre o túmulo. “Queremos explicar, por exemplo, a lápide onde foi construído o altar-mor da capela dos jesuítas que deu origem ao palácio”, ressalta.

Ao contrário do que muitos pensam, os ossos de José de Anchieta não estão mais no palácio. O túmulo é simplesmente uma homenagem. A atual fachada do Anchieta sofreu a primeira grande descaracterização por volta de 1912, quando perdeu o aspecto de antiga igreja e residência jesuíta.



Em 1860, o Palácio Anchieta foi reformado e decorado para abrigar D. Pedro II

HISTÓRICO DO PRÉDIO

- Meados do século XVI – Início da construção da Igreja e Residência dos Jesuítas;
- Meados do século XVII – A Igreja de São Tiago foi oficialmente ligada ao Colégio Vitória;
- 1759 – Os jesuítas foram expulsos e o colégio confiscado e transformado em residência dos governadores;
- 1798 – O prédio foi adaptado ao uso administrativo, após um incêndio;
- 1860 – O prédio foi reformado e decorado para abrigar o Imperador D. Pedro II e sua esposa;
- 1908/12 – Sofreu radical mudança durante o Governo de Jerônimo Monteiro. A elevação do telhado acabou por ocultar uma das torres da igreja e a recuperação neobarroca foi reforçada pela construção de um pórtico voltado para a escadaria;
- 1922 – No Governo de Punaro Bley o prédio foi inteiramente reconstruído em concreto, além de passar por ampliações;
- 1997 – Início das obras de restauração e revitalização do Palácio Anchieta.